

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

Sinais A-nunciadores

ÍNDICE

A Modo de Prefácio	4
Por que A-nunciadores?.....	6
SIGNO DO TEMPO	7
Murmúrios da Noite Antes do Amanhecer.....	8
Muito poucos chegam hoje a descobrir a dupla face do mundo técnico	9
<i>Inclina Aurem Cordis Tui</i>	12
O trabalho do homem participa “dos trabalhos e dos dias” dos deuses.....	13
Começamos a ouvir o canto dos peregrinos antes de nascer	15
Onda vibratória que rompe a taça do esquecimento	17
Apenas um sussurro, um “toque delicado”, a pegada de passos que fugiram....	18
Trata-se de recuperar o vínculo essencial, o poder de aliança da “palavra perdida”	19
Tempo profético-escatológico do Éon vindouro.....	20
CÓDIGO GEN-ÉTICO	22
Da Filosofia Política à Gen-ética Social.....	24
Funções Humanas de Ressonância Cósmica	25
Novos Estados da Matéria no Homem	27
ORDEM SAGRADA DO MUNDO	29
“Deixa que meu povo vá, para que me dê culto no deserto” (Êx. 7:16).....	31
Transcrição do Corpo Orgânico da Humanidade Para Terras Mais Altas	32
Epifania do Espírito no seio da matéria: nascimento divino no homem	35
A Vanguarda Pro-fética Avança/Retirando-se.....	36
TEMPO DO FIM	37
RE-CONSTRUÇÃO DO TEMPLO	39
A onda expansiva dos santuários de altura ressoa nos núcleos atômicos da matéria	40
A TERRA SE ADIANTOU AOS MODELOS TEÓRICOS DO HOMEM PARA CONSTRUIR A TERRA	50
Mas, na transição de fase para o novo mundo, a sombra da antiga Terra oculta a luz do novo Sol.....	50

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

Sinais A-nunciadores

INITIUM MILLENNII

A Modo de Prefácio

Sinais A-nunciadores não é um livro a mais no decurso histórico-literário do autor: é signo de antecipação, em meio a uma coreografia de signos de função. Não bastam os signos: necessitamos descobrir o “vínculo” entre os signos, a “ponte” entre o fim da História e o canto dos não-nascidos.

As ciências particulares, desvinculadas do Ser, as universidades fragmentadas em multidão de faculdades, carreiras, institutos, um sistema educacional que mantém a divisão entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida, uma sociedade política que perdeu contato com a Ordem sagrada do Universo... nenhuma destas formas institucionais e sociais pode hoje conduzir o processo de desenvolvimento humano, em fase de ressonância com a consciência cósmica.

Com as primeiras luzes do novo milênio, um grande dilema sai a nosso encontro:

Temos mais informação, mas menos visão.
Possuímos mais conhecimento,
mas deixamos de compreender o mundo.

Uma Onda profética invisível se manifesta, em uma coreografia de signos visíveis.

Tudo me faz pensar que estamos roçando o umbral de um novo Mistério... Os deuses fugiram, os Mestres se retiraram... Apagam-se os vestígios do caminho, apagam-se as luzes do entendimento. Caiu a Noite. Já não se trata da “noite escura da alma”, cantada de uma ou de outra forma na poesia mística. Trata-se da “noite escura da matéria”, experimentada por todos nós no vazio e na solidão da vida cotidiana.

Noite escura da matéria:
onde o escuro se torna mais escuro que o escuro.

Esta escura Noite engole todas as mensagens, as boas e as más. Já não se trata aqui de transformar o mundo, mudar a História, decifrar o homem, porque o próprio homem foi escolhido como prot-agonista da História e como vínculo simbólico entre os mundos.

Já não vivemos no mesmo mundo...
outras estrelas nos iluminam desde o céu.
Tampouco a Terra é a mesma, nem a História...
nem nós mesmos.

Falamos de revolução científica, desenvolvimento tecnológico, revolução social, viagem às estrelas... mas, de repente, desencadeiam-se sobre a Terra forças tenebrosas. De súbito, a iluminação da inteligência se retira e nos deixa às escuras. A Revelação não veio na forma que havíamos imaginado. Vivemos uma Iluminação/que se Oculta:

RevelaçãoRe-velada.

A Onda Pro-fética se adianta ao tempo histórico e pulsa o teclado invisível das moléculas da vida:

Resonantia Verbum.

Outro ritmo, outra lei, outra força: “energia de enlace”.

O caminho do homem entra em contato com a Ordem Sagrada do mundo.
Ruptura de simetria da matéria: da comunidade humana sociotécnica, passamos à

Transfiguração social do Verbo.

Mudança na *signatura* do tempo, na ordem do conhecimento, na geometria da vida.

Entramos no ritmo de uma nova lei: divina e humana ao mesmo tempo.

Transposição gen-ética da corrente da vida:
Da dialética dos opostos passamos à

Reversibilidade de Valores.

Buenos Aires, Natal de 1998

Por que A-nunciadores?

Porque chegam *antes*
que chegue o núncio.
Porque Dizem
não o que vai vir
e sim o que já chegou.

E o que *é* que já chegou?

Initium Millennii

Depois, vêm as perguntas:

- Pelo *Signo* do Tempo
- Pelo *Código* Gen-ético
- Pela *Ordem* Sagrada do Mundo

SIGNO DO TEMPO

Bato à primeira porta

e saem a meu encontro

as palavras-símbolo:

Initium Millenii

Murmúrios da Noite Antes do Amanhecer

Para uma consciência profunda (*De Profundis*), o mundo se revela hoje como Mistério. À luz do dia, só vemos o veloz transcorrer das coisas que passam, as cambiantes fases do tempo, os enigmáticos sinais da vida e da morte. Mas, em-meio à Noite, quando caem as estrelas do céu e se apagam as vozes da terra, conseguimos ouvir o primeiro resplendor de um mundo não-nascido:

sinal A-nunciador

A-nuncia o *fim* de um mundo, de uma história, de uma estirpe... e o *início* de algo novo, não advindo.

A casa que habitávamos ficou sem sustento.
O relógio cósmico marca uma hora diferente.

Perguntamos pelo signo do tempo e pelo lugar do homem no mundo.

Encontramo-nos em um ponto crítico de *precessão* dos sinais da História. A chave de sentido não está um passo adiante, no caminho de um século a outro, de um milênio a outro... mas um passo “para trás”, em direção ao *início*: “de onde tudo surge e para onde tudo se encaminha”.

Initium Millenii

Começamos a traçar a ponte
entre os sinais do céu e as forças da História.

Nem tudo pode ser explicado, mas algo podemos pre-sentir.

Muito poucos chegam hoje a descobrir a dupla face do mundo técnico

Nem o próprio Einstein: “Deus não joga dados”.

Alguns chegam a imaginá-lo: “Imaginaí um bem que resplandeça em toda a força do Mal... imaginaí uma lógica do social que haja absorvido todas as energias inversas do antissocial... imaginaí sistemas que se dissuadem a si mesmos... imaginaí acontecimentos sem consequências: que não refratam nada, que não pressagiam nada”¹.

A técnica moderna mudou a face do mundo, mas essa técnica é “um poder que o homem não domina” (nas palavras de Heidegger). O que há por trás das fórmulas matemáticas de poder, da dupla face do mundo físico, da assimetria matéria/antimatéria? Nem tudo pode ser explicado: tropeçamos com os limites dos instrumentos. Isso não quer dizer que renunciemos à “inteligibilidade” do mundo: a teoria da ciência abriu rotas de investigação completamente novas.

Mas, o mais importante do que chamamos “novo”
não são os “resultados” da técnica,
mas o *universo de símbolos*
exposto pelo poder da técnica.

O que é realmente significativo no mundo técnico de hoje: a fissão do átomo e a liberação da energia atômica (como resultado tecnológico) ou a ruptura de simetria da matéria, como símbolo de expansão de consciência?

O que é mais relevante para a evolução espiritual do homem, a corrida do espaço (como aventura técnica) ou o cruzar da barreira cósmica (novo “Mar Vermelho”), como símbolo de liberação da escravidão terrestre? O que tem mais peso gen-ético para o desenvolvimento do conhecimento, a informatização da sociedade planetária (como última palavra da mente técnica) ou a automatização cerebral da antiga mente racional, como prelúdio fisiológico de iluminação espiritual: primeira palavra da mente cósmica?

O poder da técnica nos abre o caminho
para a geometria simbólica do mundo vindouro
e para as funções nascentes do homem por-vir.

O desafio que hoje nos impõe o *início* da era técnica (e digo “nos impõe” porque, pela própria geometria do tempo, não escolhemos a técnica, senão que fomos escolhidos para um mundo técnico) não é uma palavra (científica, filosófica, teológica) que venha a inscrever-se na ordem das ideias, mas uma onda pro-fética (antes da palavra) que se transcreve (em linguagem simbólica) no teclado invisível das moléculas da vida. Sem dar-nos conta, “fomos escolhidos” (por meio da técnica) para sermos prot-agonistas de uma transformação orgânica que transcende os resultados materiais da técnica. Estamos criando por dentro, funções e órgãos que ainda não existem: o traje do astronauta é só o prelúdio da fisiologia do homem cósmico.

¹ Jean Baudrillard, *Las Estrategias Fatales*, Barcelona, Anagrama, 1984.

A formulação técnica
desta iluminação *inicial*
ocultou a face espiritual da mensagem da Técnica.

As equações relativistas, o princípio de incerteza e os demais paradoxos da Ciência moderna (desvinculados os dados de observação do núcleo simbólico de sentido que os viram nascer) ficaram reduzidos à “metade da fórmula”. E com essa “metade” foi construído o modelo ideológico da sociedade técnica planetizada. O mesmo aconteceu no domínio chamado “espiritual”. Novas religiões, esoterismo, *new age*, encheram o mundo de “novas revelações” e novo “ópio dos povos”: puseram o vinho novo em odres velhos. Não puderam (não quiseram?) articular a nascente palavra pro-fética com a mensagem social que vinham elaborando os povos mais avançados da Terra: ficaram também com a “metade da fórmula”.

O que foi que falhou,
o excesso de mensagem ou a falta de homem?

Hoje, como ontem, como sempre: a sombra do antigo Éon ocultou o resplendor primeiro. Dito de outro modo: a própria configuração de nossos instrumentos para ver o mundo não nos permitiu escutar com clareza a *resonantia Verbum* dentro de nós mesmos. É mais fácil para nós perceber um “tempo nublado” (Octavio Paz), um “tempo apocalíptico” (*Apocalypse Now*), um “tempo de esperança” (*Revolution of Hope*, Erich Fromm), um “tempo messiânico” (*The Second Coming*)... É mais fácil para nós aceder a todos esses conceitos, imagens e símbolos da consciência objetiva, do que dispor-nos a “Ser”, nós mesmos, *resonantia Verbum* (Egoência do Ser).

Não mais intermediários:
necessitamos de um contato
direto com a luz!

A ponte que procuramos
entre os sinais do céu e as leis da História
não vem a ser construída através da unidade da Ciência,
mas a revelar-se através da Unidade do homem.

Abre-se uma segunda porta
escuto um coro de vozes
que entoam um Mesmo canto:

Initium Millenii

Inclina Aurem Cordis Tui

Sim. Não mais intermediários: contato direto com a luz!

Mas, esta exclamação não é mais que uma expressão de desejos do “homem óptico”: impulso metafísico que, desde o *logos* grego, vincula o pensar com o “ver”. O contato *direto* com a luz é uma experiência mais essencial, uma i-luminação mais originária que o “ver”: que precede ontologicamente o ver e que en-caminha pro-feticamente o ver. Esse “pre-ver” se revela em um giro interior do olho para o ouvido, em um movimento intrínseco da corrente da vida, do “ver” para o “ouvir”. Claro que este “ouvir” não é o ouvir habitual no mundo da informação, mas um “prestar ouvido” à Palavra criadora do mundo, um “inclinar” o ouvido do coração (“*inclina aurem cordis*”) ao mistério do Ser:

Giro da Força
que nos leva
a um nível mais elevado do Conhecimento.

Este “giro” não é ideológico, mas gen-ético. Não pode ser reduzido a um novo paradigma, uma nova teoria científica, um novo sistema filosófico, uma nova visão do mundo. Não se trata de um giro poético, místico, metafísico: trata-se de um giro orgânico, “fisiológico”.

Começamos a pre-sentir o
pulsar de um novo *corpo*:
“Germes de Futuro no Homem”.

Quando digo *Initium Millennii* não me refiro simplesmente à passagem cronológica de um século a outro, de um milênio a outro. Com essa expressão-símbolo, quero significar um suceder *Inicial*: “gestação” de um novo mundo.

Milhões de seres humanos pressentem hoje
que todo um ciclo de civilização chegou a seu “fim”,
e que “algo novo” nasceu no homem
e no mundo,
sem que acertem em descobrir *o que* seja esse algo,
nem saibam *de onde* vem nem *para onde* vai.

Entramos em uma misteriosa fase cosmogônica da evolução, que quebra a simetria da História.

O trabalho do homem participa “dos trabalhos e dos dias” dos deuses

Por que digo que entramos em uma “fase cosmogônica” e não simplesmente em uma nova etapa histórica, nova era, novo tempo do homem, em sua longa caminhada sobre a Terra?

Porque hoje, sobre a Terra, não lutam somente os homens: também lutam os deuses e os demônios. Esta nova guerra *arkhetípica* não é visível desde a lógica dos instrumentos técnicos, mas sim, audível desde a ressonância ‘*mistérica*’ do coração.

Sem perceber muito bem
entramos em uma fase de

interpenetração de mundos:

onde a teoria da ciência, a filosofia da história, a teologia especulativa fracassam como instrumentos de de-cifração do mundo. O mundo se tornou estranho para o homem e o homem, estranho para o homem. Já não nos compreendemos a nós mesmos. Nem o corpo chega a reconhecer-se a si mesmo: nas enfermidades de autoimunidade, a vida se volta contra a vida. Há uma guerra externa, mas também uma “gesta” interna. Ainda não tomamos consciência do lugar que o homem ocupa hoje no mundo: qual é sua função no grande cenário cosmogônico recém aberto?

Os deuses calam.

Dois mil anos de história e nenhum deus novo!
exclama Nietzsche,
como interpretando o esgotamento
da alma de seu século.

Mas, qual é o sinal A-nunciador que surge do cone de sombras do Éon que chega a seu fim?

Um novo “sentido”
da função trabalho na economia da vida.

Sinal de *início* de uma liturgia de ressonância cósmica, justamente em um momento crítico da História, quando a Humanidade perdeu a chave simbólica de transfiguração espiritual do homem, por meio do trabalho. Como qualificar de alguma maneira esta “função trabalho” que se antecipa às figuras jurídicas e econômicas do trabalho, e cujo poder fundamental pressentimos, antes de conhecer?

Novo ritmo da matéria humana
na dança da vida cósmica.

O trabalho, enquanto “ofício sagrado” do homem, no contexto “dos trabalhos e dos dias dos deuses”, foi degradado à condição de servomecanismo utilitário do poder econômico-financeiro que hoje domina o mundo. Na atual civilização técnica, a força do trabalho ficou desvinculada do sentido da Obra. Como recuperar este elo perdido? Já

não pelo mesmo caminho que expulsou o trabalho da vida, mas pela reversão do tempo do homem que vem em busca da vida.

O descobrimento do “tempo do homem”
é a chave energética
da Gen-ética Social do mundo vindouro.

Começamos a ouvir o canto dos peregrinos antes de nascer

Trata-se da palavra precursora, da palavra-Verbo que surge da câmara secreta do coração: *Eructavit cor meum verbum bonum*. É a palavra operativa que cria o mundo do homem e organiza o tempo da História. É a energia sagrada do Universo feita *Verbo* na palavra do homem:

palavra pro-fética que, no homem,
adianta-se às determinações do ADN genético.

Trata-se de uma “palavra perdida” durante milênios e que o homem do novo Éon toma em suas mãos como espada de duplo fio da vontade analógica de poder.

Vontade analógica:
sinal A-nunciador da
Transfiguração social do Verbo.

Há uma vanguarda pro-fética que abre os caminhos por-vir. É algo mais que uma vanguarda política, científica, mística: é a grande corrente da Vida que desce dos altos cumes ao vale, em busca de uma morada onde Alumbrar seu sonho. É a promessa do Sinai que vem em busca da alma do povo. É o canto das Musas que quer tornar-se coro no templo do homem... mas a passagem desta vanguarda é fugaz: “a poesia não encarna na História” (Octavio Paz).

Initium Millennii

Uma vez mais, renova-se o pacto:
o que parecia impossível no tempo da História
torna-se possível na entranha da vida.

E a carne se fez Verbo: *reversibilidade dos valores* da Cruz.

Esta transposição-transfigurativa da matéria terrestre ao espírito da consciência cósmica se realiza hoje através de um sacrifício coletivo em escala planetária: agora mesmo, neste mesmo instante, em algum lugar do mundo, a palavra do homem feita Verbo está criando outro mundo.

Aproximo-me da terceira porta,
bato,
ninguém responde, não se ouve nada,
não há aqui nenhum *nós*:

Compreendo que *Initium Millenii*
é minha própria nota-chave
entre os altos cumes do Espírito
e os profundos abismos da matéria.

Onda vibratória que rompe a taça do esquecimento

Alguma coisa nasceu. Da mesma forma, alguma coisa se quebrou.

Trata-se de desvelar a geometria simbólica de *Initium Millennii*, de ouvir a “nota” fundamental da nova criação do mundo.

Nem o tempo linear nem o tempo cíclico – como formas de representação do tempo – ajudam-nos a descobrir o movimento originário que põe em rotação a roda da vida. A nova mensagem de liberação não é ideológica e sim, *vibratória*: “antes” de bater à porta, já derrubou a casa. Trata-se de uma “nota” in-audível: “antes” que chegue o mensageiro com a notícia da boda, a Mensagem já rompeu a taça do festim. Qual é a forma, a figura, a geometria desta Onda vibratória que deixa seu vestígio de fogo nos recintos atômicos da Matéria?

Quanto mais procuramos aproximar-nos
da *signatura* da Mensagem,
tanto mais nos escapa a *essência* da Mensagem.

“Algo essencial vem para cima de nós”, exclama Heidegger quando tenta caracterizar de alguma maneira o ciclo que se inicia. Mas a linguagem metafísica é insuficiente para decifrar o que quer Dizer o “murmúrio do bosque”. Esse “algo essencial que vem para cima de nós” não nos fala hoje com a palavra de fogo dos antigos profetas nem com os princípios metafísicos dos modernos filósofos, senão que “opera-instalando-se” (sem ser notado) no teclado invisível de nossa biologia molecular:

Resonantia Verbum.

Ritmo analógico que “desintegra/iluminando” a antiga matéria. Quase diríamos “incorporando” os valores humanos em uma nova estrutura de ressonância humano-divina.

Não há forma de demonstrar este nascimento do certo, no caminho incerto: só o testemunho dos peregrinos que cruzaram o círculo de fogo, deixando apenas uma silhueta fugitiva na tela da cidade dolente.

Apenas um sussurro, um “toque delicado”, a pegada de passos que fugiram...

Initium Millennii vivido por dentro, como ressonância da Onda pro-fética nas águas profundas da vida, é a “marca” inicial que pre-figura a saída do cativeiro (“Em meio à noite, passarei pela terra do Egito...” Êx. 11:4). Estamos querendo dar palavra à experiência inefável dos prot-agonistas das eras de transição, ao “toque” originário do divino na alma, antes de toda ciência e de toda teologia. E digo expressamente “marca” (não só ideia, sentimento, imagem) porque esse “algo essencial que vem para cima de nós” é algo que pre-sentimos sem ver e sofremos sem compreender, mas que deixa “marca” indelével na matéria de nossa própria vida.

Claro que se pode perguntar em seguida: “o que é que a onda de *Initium Millennii* delinea quando roça as águas da vida?”:

Marca nosso nome próprio.

É a revelação do “nome secreto”: revelação potencial, virtual, que só se fará real e efetiva depois da vitória na luta com o anjo (Gên. 32: 24-32). O som in-audível deste “nome próprio”, enquanto *resonantia Verbum*, é o ponto inicial de expansão da força desde o coração do homem: os antigos alquimistas falavam de “fixação” do mercúrio filosófico. Esse “ponto de fixação”, mais que um ponto é uma “morada” (a primeira “morada filosófica”, se quisermos utilizar a linguagem hermética de um Fulcanelli). Ou um “tabernáculo”, se preferirmos a linguagem bíblica: “Faz-me um santuário e habitarei entre eles” (Êx. 25:8). Já não estamos falando aqui de “fixação”, em termos de mecânica da vontade de poder, mas de “gestação”, como símbolo de Aliança entre o Espírito e a matéria.

Trata-se de recuperar o vínculo essencial, o poder de aliança da “palavra perdida”

Não se trata de historicismo, milenarismo, progressismo: trata-se simplesmente de “dispor-nos” a que a Onda precursora que cria e destrói os mundos venha “habitar” em nós. Já não só na alma, também no corpo. Dito de outro modo: trata-se de transferir o tema da “Aliança” do plano mítico-teológico das antigas cosmogonias e do “enlace” técnico das modernas teorias da ciência, ao cenário “fisiológico”, onde hoje é representado o drama sacro da gen-ética da vida. Este salto dimensional não se dá em nosso tempo através do caminho de teorias científicas, sistemas filosóficos, teologias de libertação, discurso político, hermenêutica histórica... e sim por ruptura de simetria do próprio sujeito que faz a história. E isto nos leva a indagar pela natureza essencial do que chamamos, de um ou de outro modo, a “crise” do homem contemporâneo.

Qual é a “natureza” desta crise?

Para aceder teoricamente ao novo cenário do drama da História, temos que poder passar do esquema conceitual de “sujeito” da História à visão intuitivo-simbólica de “prot-agonista” da História. Tentemos tornar-nos mais claros. Na busca (intelectual) desse “algo essencial que vem para cima de nós” e que nos escapa continuamente das mãos, podemos recorrer (por analogia) ao “Gênese” bíblico ou à “sentença de Anaximandro” (que Heidegger toma como ponto de partida para uma meditação sobre o início “sempre sido” do pensamento do Ocidente). Ou à *Teogonia* de Hesíodo que, através do Canto das Musas, deixa entrever o movimento criador dos deuses. Ou, inclusive, ao “canto litúrgico”, preservado zelosamente pela Igreja tradicional (tudo isto, quanto ao “princípio”).

Quanto ao “tempo do fim”, também podemos (sempre por analogia) recorrer ao “Apocalipse” ou à “teoria de catástrofes”² para encontrar pontos de apoio para as projeções apocalípticas de nossa época de crise: quer se trate de supostas catástrofes involutivas (filosofias de “fim da História e do último homem”) ou de catástrofes ecológicas (o fim do planeta e a Terra como cemitério da Raça). Podemos “entender” e “utilizar” tudo isto como ferramenta conceitual para “explicar” o fenômeno global de mudança. Mas essas imagens e teorias são insuficientes para desvelar a natureza de mudança substancial, ultraquímica, que hoje opera em função de códigos de sentido, instalados subrepticamente nos recintos atômicos de nossa matéria viva.

E, eis aqui que, sem dar-nos conta, passamos (por dentro) da categoria de “sujeitos” da História (categoria histórica), a um nível gen-ético mais elevado: categoria cosmogônica de “prot-agonistas” de uma nova História.

O quer dizer ser “prot-agonista”?

Quer dizer “ser arauto-e-experimento” da era por-vir: mensageiro que *inicia* uma nova história e *vítima propiciatória* da História. Não só o místico iluminado, o poeta anunciador, o profeta dos novos caminhos da ciência, também a vítima inocente, imolada no altar sacrificial da História e cujo nome não fica registrado nos anais da História.

² René Thom, *Teoría de Catástrofes*, Barcelona, Gedisa, 1977

Tempo profético-escatológico do Éon vindouro

Tempo do “fim” da História e do “último” homem?
Ou tempo *inicial* de um novo homem que ainda não tem lugar no mundo?

Em nossa era técnica, o tempo do homem sofreu um “giro” radical. As forças que liberamos percorrem o Universo e voltam a nós com a mensagem da transcendência percorrida: mensagem que, na maioria das vezes, sofremos *antes* de compreender. É o “fim” do tempo linear. As coisas, as instituições, terminam *antes* que nós as demos por desaparecidas. Jean Baudrillard, qualificado por alguns como “profeta da pós-modernidade”, refere-se ao “fim do tempo social” nos seguintes termos: “Assim, todas as coisas chegam antes de haverem chegado. As causas vêm depois. Às vezes, elas até desaparecem, antes de haverem chegado, antes de se haverem produzido”³.

Se bem que nos luminosos cumes do Espírito possamos exclamar com júbilo

“Algo essencial vem para cima de nós”,

nos escuros abismos da alma, não podemos deixar de reconhecer que

Algo essencial se perdeu.

Já nos anos 20, o grande José Ortega y Gasset anunciava com palavra profética que “havia passado a era das revoluções e entrávamos em uma época de alma desiludida”. A partir de 1989, com a queda do muro de Berlim e o colapso do gigante soviético, os acontecimentos mundiais viajam a tal velocidade que devoram suas próprias significações iniciais: entramos no teatro da crueldade, no sacrifício dos inocentes, no drama sem-sentido da História.

E agora?

“É mais fácil gritar ‘para adiante’ do que ‘para onde’”, diz Edward Matchett (criador de um novo método de desenho logotecnológico).

Fecha-se um grande ciclo, não somente um século, um milênio... fecha-se o grande Éon de Peixes (gr. *Aion*). Carl Gustav Jung dedica todo um tratado à investigação das transformações simbólicas dentro do “Éon cristão”, no qual, não só a dualidade dos peixes em direções contrárias marca a característica geral do signo, senão que a figura do *Anthropos* (o “Filho do Homem”) ilumina o sentido da História⁴.

Mas, como se opera – em nosso tempo – a transição de Peixes a Aquário? Jung se limita a dizer que o signo do Aquário terá por característica “a constelação dos pares de opostos”. Adolfo de Obieta, em uma obra projetada em cinco volumes – *Tempo de Profecias*⁵ – faz um estudo muito bem documentado, do *Apocalipse* de João até nossos dias, de exegese das diferentes visões profético-escatológicas (não só teológicas, mas também filosóficas, científicas, históricas) que, com diferentes linguagens, tentam

³ Jean Baudrillard, *Las Estrategias Fatales*, Barcelona, Anagrama, 1984

⁴ Carl Gustav Jung, *Aion*, Buenos Aires, Paidós, 1986

⁵ Adolfo de Obieta, *Tiempo de Profecías*, Buenos Aires, Corregidor, 1992

caracterizar (tipificar) o tempo que nos cabe viver, como de “fim” da História por um lado, e de antecipação profética de “início” de uma nova era, por outro.

Qual é o traço que tipifica esta transição de fase? Abundam as citações sobre os “sinais do fim”: “Este é um tempo «sem lugar»” (Thomas Merton), recordando a passagem do Evangelho “não havia lugar para eles na pousada”. Mas, qual é a estrela, o sinal A-nunciador, da nova criança que acaba de nascer?

Da abundante documentação comentada, detenho-me na interpretação de Jorge Nolcken – citada no volume II da obra de De Obieta, pgs. 150/151. Para Nolcken, “O Antigo Testamento é, por excelência, a manifestação de Deus Pai a um povo pouco desenvolvido. O Novo Testamento, a manifestação do Verbo Divino a uma Humanidade muito mais desenvolvida. O Éon vindouro, cujo ciclo mereceria o nome de Éon cósmico, representará o Terceiro Testamento para uma Humanidade que já alcançou um desenvolvimento intelectual suficiente para compreender verdades que antes não podiam ser reveladas”.

Luminosa, profética, esta visão intuitiva de Nolcken sobre um “Terceiro Testamento” (ou terceiro código sagrado da Lei) – que haveria de dar sentido transcendente ao desenvolvimento do ciclo histórico por-vir. Qual é a estrutura orgânica da nova Lei? Não nos adiantemos.

A pergunta pelo tempo do homem
e pelo sentido da História
já não reclama uma resposta filosófica
e sim, *Gen-ética*.

O que está em jogo não é só uma “ideia”, é também uma “molécula”.

CÓDIGO GEN-ÉTICO

Começamos a vislumbrar uma nova *geometria* da vida

Não estamos falando de filosofia dos valores, mas de Gen-ética do Espírito: profunda comoção individual e social. O que havia ocorrido?

A partir da década de 60, a Onda pro-fética que desestabiliza as estruturas do antigo sistema de valores por dentro e por baixo (*underground*)... essa Onda invisível se tornou visível como tornado social: explodiu como revolta da juventude em escala planetária.

Havia nascido um novo símbolo: maio de 68.

Charles Reich, professor de Leis na Universidade de Yale, foi um dos primeiros a elaborar conceitualmente a mudança de valores e de formas de vida que se havia produzido na nova geração. “Começando com uns poucos indivíduos em meados de 60”, diz Reich, “reunindo a partir dali, cada vez mais rapidamente um maior número, a Consciência III (assim chama Reich o despertar do novo fenômeno humano) expandiu-se surpreendente e milagrosamente a partir do duro e inflexível solo do Estado corporativo (“*American Corporate State*” – ou “Consciência II”, a qual tipifica a consciência e os valores das grandes corporações de negócios, da educação, da ciência e da política)”⁶.

Em realidade, tratava-se de uma transição de fase no desenvolvimento evolutivo da consciência, vivida por uns poucos como estremecimento místico. Por outros (também poucos), como impulso social revolucionário e por muitos, como esvaziamento do mundo e crise existencial. A maioria não chegou a descobrir a raiz oculta do fenômeno e só viu ali, uma reação violenta da juventude contra a ordem social estabelecida. Reich destaca o caráter de “código secreto” desta fugaz (e pouco compreendida) liberação de energia humana na noosfera do planeta:

Tão espontânea foi sua aparição que, nem o mais astuto nem o mais radical, vislumbrou o que estava vindo nem o reconheceu quando chegou. Não é surpreendente que muitos pensassem que fosse uma conspiração, visto que se estendeu na América e em outras partes do mundo, por vias invisíveis. Nem sequer alguns da antiga geração, nem ainda o FBI ou os sociólogos, conhecem muito acerca do novo fenômeno, posto que sua linguagem e seu pensamento são tão diferentes da Consciência II, a ponto de fazê-lo virtualmente um indecifrável código secreto. A Consciência III, assim como este escrito (refere-se a seu livro *O Reverdecer da América*), é o maior segredo na América, ainda que seus membros o tenham gritado tão forte quanto lhes foi possível.

E o grito não foi escutado!

⁶ Charles Reich, *The Greening of America*, New York, Random House, 1970

Fracassou a revolução estudantil. Fracassaram as revoluções sociais libertárias. E houve um “sacrifício ritual” da juventude. Porém, o “fermento” da nova consciência havia penetrado nas capas profundas do magma social: ativando sonhos, até então jamais sonhados.

Passado o primeiro resplendor, a partir de 1968, o mundo voltou a escurecer-se. Outras forças marcariam o rumo da História: “guerra nas estrelas”, economia de desamparo, poder oculto da droga, enfermidades de autoimunidade (quando a vida se volta contra a vida), terrorismo de Estado, sedução pelo espetáculo. O que havia ocorrido?

Aniquilado o núcleo simbólico de sentido,
a Galáxia Humana entrou em In-plosão.

O que nas primeiras décadas do século parecia claro (novas teorias científicas) de repente se tornou escuro. Muito cedo “haveríamos de dar-nos conta de que continuávamos procurando sinais, em um mundo sem sinais”. O jogo do tempo com as coisas, com os valores, com as instituições, com a vida... era diferente. O código da mensagem inicial havia se transferido (transcrito) do espaço luminoso da inteligência para o enigmático tempo da vida: e ali, nesse espaçotempo intrínseco à vida, foram buscá-lo e decifrá-lo os investigadores da nova era.

Em 1953, James Watson e Francis Crick expõem a geometria da molécula chave da vida (ADN). Na década de 70, a partir dos trabalhos de Maturana, Varela, Prigogine, Von Weizsäcker, os biólogos e os físicoquímicos reconhecem um novo princípio de ordem (“ordem por flutuações”) nos processos de organização da matéria viva: na fronteira de flutuação crítica, os sistemas se bifurcam e, em cada ponto de bifurcação, podem dar-se as condições para o nascimento do “novo”. Como síntese da nova visão da natureza, os investigadores no campo da genética evolutiva lançam um forte desafio aos teóricos da continuidade histórica:

“Sem ruptura de simetria não há evolução”.

Ruptura de simetria! Entramos aqui em um terreno muito pouco explorado. Em 1972, René Thom apresentava sua *Teoria de Catástrofes*. E em 1973, Prigogine abria o caminho ao conhecimento de novas configurações da vida: “estruturas dissipativas” que emergem, quando se rompe a simetria dos sistemas biofísioquímicos, em umbrais críticos de instabilidade. E o que ocorria no mundo do homem? Também uma “catástrofe”:

Fomos golpeados por um raio invisível,
rompeu-se a forma:
a casa que habitávamos ficou sem sustento.
Algo completamente *novo* nasceu:
vislumbramos uma nova geometria da vida.

Da Filosofia Política à Gen-ética Social

Não se trata somente de dar “forma” conceitual ao primeiro resplendor da Ideia e “tom” sensorial à ressonância-Verbo, mas de construir uma “ponte” entre o fim da História e o canto dos não-nascidos. Giro da linguagem: da leitura dos “fatos”, passamos à escuta da “alma dos fatos”. Não bastam os signos, necessitamos descobrir o “vínculo” entre os signos: e reconhecer a orientação (o vetor) que marca o rumo dos signos da Galáxia Humana, nesta fase de In-plosão de seu devir cósmico. Para onde vamos?

Chegamos aqui a um ponto crítico do pensar, onde nem a “reflexão” nem a “reflexão da reflexão” nos servem já de guia para descobrir sinais certos no caminho incerto. Percebemos que não existe um “caminho lógico” para aceder às leis mais gerais do Universo e ao sentido da vida (Einstein o viu claramente: revolução do método). E então?

Então, a aventura do conhecimento consiste em abandonar ali, nesse ponto crítico, o *logos* do pensamento e deixar-se guiar pela corrente do sentir profundo: reversão do pensar, “volta” do olhar sobre si mesmo. Experiência cume de aniquilação, radicalização do tempo do homem, que abre a porta ao resplendor do Verbo. O que entra em jogo nesta transição de fase já não é uma nova ideia, mas uma nova *função*:

Da dialética dos opostos passamos à

Reversibilidade de Valores

Já não estamos no terreno da filosofia dos valores, mas no campo orgânico de uma fisiologia cósmica.

Não só outra ideia,
também outra molécula.

Reversibilidade de valores, sinal A-nunciador de uma nova dimensão da vida.

Tentemos aclarar os sendeiros do bosque (*Erklärung*). Ainda que, para “aclarar” o que nos aparece escuro, tenhamos que penetrar no “mais escuro que o escuro”. Necessitamos de uma chave “orgânica” para sustentar a vida: a ética não basta. Fizemos da Ética um discurso filosófico, político, econômico: ética do Estado, das empresas multinacionais, dos partidos políticos... Talvez, este discurso “ético” seja suficiente para sustentar certa racionalidade das instituições, mas não basta para sustentar a vida. Para viver, necessitamos de uma “moral biológica”, uma ética incorporada à vida: biologia gen-ética (fundamento orgânico individual da Gen-ética Social do mundo vindouro).

O drama da História é representado hoje
em um novo cenário da vida.

Funções Humanas de Ressonância Cósmica

Deixamos de compreender o mundo. Fomos lançados a outra dimensão da vida, mas continuamos interpretando o mundo com os parâmetros do antigo tempo. Não se trata de criar outra metafísica: somos prot-agonistas de uma nova “gesta”. O drama não é só histórico, mas cosmogônico.

Começamos a ouvir o ritmo
de funções nascentes.
Começamos a descobrir ressonâncias
entre os valores da alma e a química da vida.

Começamos a explorar o espaço interior de um novo Corpo: *Antropologia de Síntese*, ritmos e funções do homem planetário.

Antropologia de antecipação:
primeiros estremecimentos da vida
que se antecipam à lógica do tempo.

Salto na Antropogênese.

Construir a ponte da razão (passar do mito ao *logos*) foi uma grandiosa tarefa de engenharia genética das Raças que nos precederam. E a nós, homens racionais do Éon de Peixes, custou 2.500 anos traçar o mapa de ideias fundamentais que conformam a civilização racionalista e técnica do mundo em que hoje vivemos, o qual conforma a imagem do ser que hoje somos. O que nos fica de agora em diante? Qual é o enigma que a esfinge que nos fecha a passagem em nossa caminhada pelo deserto nos convida a decifrar?

Por trás do véu simbólico de *Initium Millennii*
chegamos a vislumbrar a chave gen-ética
que faz possível cruzar a ponte da razão.

Trata-se de uma molécula-ponte: “molécula analógica”.

Para cruzar a barreira cósmica, o ADN não basta. Tampouco a molécula de hemoglobina (Hb) que, no máximo, estende a ponte entre fases complementares do mundo físico. Necessitamos atravessar o “Mar Vermelho”, a poderosa barreira magnética do sangue: tarefa já não só humana, mas cosmogônica. Não só outras ideias, outra ética, outra metafísica, outras religiões, mas outras *moléculas*: “moléculas mensageiras”.

Moléculas de transcrição Gen-ética
em pro-cura de um “enlace” real e efetivo
entre a consciência cósmica
e as funções-mãe da vida, no homem.

Hoje, em escala planetária, estamos vivendo sob forte “pressão evolutiva”: movimento frenético de des-estruturação que reverte a trajetória de sentido de todos os modelos (intelectuais, sociais, neuroquímicos) que havíamos fabricado com o antigo cálculo e a antiga geometria. De repente, as coisas que tínhamos nas mãos (um

conhecimento, uma teoria, um valor, um bem) desaparecem e se convertem em outra coisa. Pequenos acontecimentos geram efeitos catastróficos. O que ontem sustentava a chama da vida subitamente colapsa, deixando um oco de obscuridade e sem sentido. É como se as lentas transformações da natureza (a lagarta transformando-se em borboleta) repentinamente se houvessem tornado velozes, culminando em uma explosão de transfiguração do mundo.

Transfiguração:

não só das coisas no mundo,
mas de nosso próprio mundo.

Não é fácil tomar consciência do que realmente nos acontece... sobretudo quando nosso próprio corpo, nossa própria fisiologia orgânica – nosso sistema imunológico, nosso cérebro químico, nosso coração elétrico, participam desta gigantesca fase de transfiguração do mundo.

Ontem, no mundo das leis mecânicas, nos caminhos em linha reta da geometria euclidiana, na plácida continuidade do tempo histórico, podia-se “ficar” onde se estava e a vida prosseguia seu curso sem maiores sobressaltos: podia-se morrer a seu devido tempo. Hoje, nos circuitos eletrônicos do mundo técnico, arrastadas as moléculas da vida por uma poderosa corrente de energia cósmica que quebra a lógica da História, muita gente morre *antes* do tempo. Dito de outro modo, a mensagem do novo *Éon* é supralumínica: não dá tempo (antes de bater à porta, já derrubou a casa).

A geometria simbólica da mensagem é diferente:

essa mensagem

já não está escrita em sistemas de lógica do pensamento

mas inscrita em códigos de energia de ressonância.

Superada a barreira determinista do antigo código genético, começamos a “ouvir” o ritmo de ressonância analógica do novo código gen-ético.

Novos Estados da Matéria no Homem

Pre-sentimos que se trata de uma Gesta, talvez da matéria prima da Obra. Ainda não temos uma ciência para decifrar a *Arkhitetura* de um novo código Gen-ético.

Em Física de partículas, em colisões de alta energia, os investigadores descobriram novos estados da matéria. Estados de muito curta vida, os quais caracterizaram com nomes tão estranhos como “canais de ressonância”, “valores de ressonância”, “energia de ressonância”. Diz Fritjof Capra, em seu *Tao da Física*: “Quando a energia ou a frequência alcança um certo valor, o canal começa a ressoar”. E eu me pergunto: existe algo parecido no nível humano, nas relações humanas, na ordem do amor, no caminho do conhecimento, na viagem às estrelas? Animo-me a dizer que sim. Hoje, quando a vida do homem chega a níveis críticos de “ressonância” com os arquétipos celestes, emerge da câmara secreta do coração um *ritmo* qualitativamente diferente que, com a matéria do antigo corpo, configura uma

ressonância química.

Ponte invisível (mas audível) entre os valores do Espírito e a matéria da vida: algo assim como operam os neurotransmissores na química do cérebro. Em níveis de alta energia humana, o “ouvir” se adianta ao ver (o “murmúrio do bosque que se adianta à rosada aurora”). Para os que “têm ouvidos e não ouvem” o mundo continua sendo o que foi, a vida continua sendo um sonho e a História repete os mesmos fatos nos fatídicos círculos do tempo. Mas, alguns começam hoje a “ouvir” e chegam a “ver” que o mundo mudou, que as forças que movem a vida são outras e que o corpo também é outro.

Há coisas que já não têm conserto, não têm retorno (porque foram demasiadamente longe: aumento de entropia). Não existem opções neutras: tudo tem seu custo. Talvez, a contribuição mais significativa do século XX para o milênio vindouro, tanto da parte da metafísica (Heidegger) quanto da fisicoquímica de não-equilíbrio (Prigogine) – e ainda da sociologia crítica (Baudrillard) – seja o haver descoberto esse “ponto crítico”, instante zero, “esquecimento das condições iniciais”, ponto crítico de não-retorno, ultrapassado o qual, as coisas deixam de ser reais e a vida se cristaliza à beira do caminho da História: já não se trata da vida, mas de “resíduos” da vida.

Para o mundo que vem, a chave Gen-ética instalada no coração do homem se A-nuncia a si mesma como ritmo pro-fético de

Reversibilidade de Valores.

Porém, esta “nota primeira” não pode ser reduzida a uma nova ética, nova metafísica, nova filosofia da história. Trata-se de “incêndio” da matéria humana: nova geometria dos valores, pauta de ressonância dos corpos de fogo por-vir, prelúdio do canto dos peregrinos antes de nascer.

Initium Millennii:

“Som” significativo do Éon que se inicia.

Outro “estado” da matéria.

Outra “molécula”: “molécula de ressonância”, operador simbólico entre o céu e a terra.

Outro “código Gen-ético”: “enlaça” os valores da alma com a química da vida.

Outro “ritmo ontofônico da palavra” que, em função de *Reversibilidade de Valores*, faz possível que os “ideais espirituais” que nos foram legados pelas grandes tradições religiosas possam transfigurar-se em “bens sociais”.

ORDEM SAGRADA DO MUNDO

A terra está desolada e vazia... e o povo que acampa no deserto não encontra água para saciar a sede

Sinal A-nunciador de uma crise radical do homem sobre a Terra. Crise existencial de dimensão cosmogônica: vontade de poder por um lado, consciência de isolamento cósmico por outro.

A partir de 1945, com a primeira explosão atômica, havia sido rompida a estabilidade da matéria: a casa que habitávamos ficou sem sustento. O quarto reino (o reino da química do carbono, dos quatro pontos cardeais, dos quatro elementos do mundo físico, do “antigo pacto com a natureza” – Jacques Monod) ficava às nossas costas e entrávamos no Deserto, iluminados por uma escura Noite sem estrelas: o “homem de poder” confrontava sua própria “sombra”.

Teilhard de Chardin se havia adiantado ao tempo por-vir: “A era das nações passou, é hora de construir a Terra”. E surge a pergunta: é acaso possível hoje “construir a Terra” quando há sinais evidentes de “reações massivas da Terra” (Thomas Berry) que os cientistas ecologistas não fazem mais que confirmar, nos sucessivos “Cumes da Terra”?

Tudo o que ocorre (desequilíbrio ecológico) nos leva a pensar que os próprios poderes liberados pelo homem ultrapassam a capacidade do homem para governar inteligentemente o planeta: justamente ao fim de um milênio, quando o poder da ciência chega a seu máximo esplendor.

O drama socioplanetário
se tornou confuso, enigmático, imprevisível...

Pelo menos durante sete séculos, as universidades deram resposta à necessidade de organizar o saber, mas hoje – *Initium Millennii* – a universidade profissionalista e técnica já não pode responder à “pressão evolutiva” que aponta para o desenvolvimento global da consciência humana.

Georg Picht conclui sua reflexão crítica sobre o desenvolvimento do conhecimento com as seguintes palavras: “O poder da Ciência é o maior poder hoje disponível no mundo... mas a própria Ciência não pode controlar seus resultados”⁷. E as igrejas? E as corporações multinacionais? E o novo proletariado mundial do desemprego e da desesperança?

Alguns anunciaram uma catástrofe apocalíptica:
Apocalypse Now.
Outros, uma revolução da esperança:
Revolution of Hope.

Mensagens apocalípticas, escatológicas de “fim da História”? Mensagens de esperança, de salvação através da técnica, de redenção através da fé?

De onde há de brotar a água benfeitora
que sacia a sede do povo que acampa no deserto?

⁷ Georg Picht, *Réflexions au Bord du Goufre*, Paris, Robert Lafond, 1970

Não seria a primeira vez: “Fere a rocha e sairá dela a água para que o povo beba” (Êx. 17:6).

Há aqui uma liturgia, uma intermediação sacerdotal que opera como símbolo da palavra criadora e restabelece a Ordem sagrada do mundo. Esta “função litúrgica”, cosmogônica, preservada no coro litúrgico da Igreja e em celebrações rituais dos diferentes povos, esse “vínculo” sacrificial (“fere a rocha”) que faz possível a livre circulação da água da vida se perdeu no âmbito dessacralizado do mundo técnico.

Enfrentamo-nos com uma crise energética radical:
que não só afeta as energias físicas do planeta
mas a própria fonte de onde brota o rio.

“Deixa que meu povo vá, para que me dê culto no deserto” (Êx. 7:16)

De uma ou de outra forma, com diferentes linguagens, é a oração silenciosa de milhões de seres humanos (também dos demais reinos) que hoje sofrem de cativeiro terrestre e de desamparo cósmico. O poder do sistema é grande e grande a astúcia dos magos do faraó. Mas a ordem de partida foi dada e a onda pro-fética de uma nova Aliança leva os peregrinos do deserto a selar um novo pacto com a Vida.

A corrida do espaço, antenas satelitais, radiotelescópios postos em rede para ouvir a voz das estrelas, todo este instrumental desdobrado pelo homem para explorar os enigmas do Universo é apenas a face tecnológica de uma “escuta” mais essencial, que aponta a decodificar a mensagem sagrada da vida. A Humanidade inteira está hoje “à escuta” de uma mensagem fundamental que pre-sente, antes de conhecer:

“Nota-chave” ordenadora do mundo.

Quer dizer: não é o conhecimento simplesmente, a informação, a teoria da ciência, a doutrina política, o credo religioso (cada um destes níveis da palavra em seu tempo e lugar), senão que se trata de um novo instrumento humano de ressonância cósmica: consciência de si. Esta “consciência de si” (o termo é ainda muito metafísico) é um retraimento “ontofânico”⁸ da consciência, em busca do A-corde fundamental da vida. Quando digo “retraimento ontofânico” quero significar que todas as vozes e palavras que ouvimos no mundo “retrocedem”, em busca da Palavra que dá vida. E esta “volta sobre Si”, levada ao extremo, é uma verdadeira “catástrofe”: todo o sistema de valores desmorona, rompe-se a imagem do mundo e a imagem do homem. Ao ouvir o A-corde, o homem que perdeu as posses do mundo vem a tomar posse de si mesmo, mas em uma dimensão profunda da vida, que escapa ao olhar da consciência psicológica.

Desde aqui, desde a vida profunda, já não se fala com palavras, mas com algo assim como um “estado” vibratório da matéria: onda pro-fética que se antecipa à claridade do *logos*, transfigurando-se em *claro-sentir*.

“*Clarossentir*”: nota-Mãe do Ser.

É a “nota” que rompe a taça, a “verdade” que se diz, imolando-se. A “palavra-Verbo” que fere a rocha do Horeb e faz brotar a água para saciar a sede do povo que acampa no deserto.

“Canto” originário:
criador da Ordem sagrada do mundo.

Não só “vontade de saída”: “Deixa que meu povo vá”. Mas intencionalidade de “pacto”: “para que me dê culto no deserto”. Este “culto” é o segundo círculo de poder, o “coro” litúrgico que opera como campo vibratório “inter-meio” entre a vontade humana e a consciência cósmica. É a tarefa que temos pela frente, ao roçar a onda pro-fética de *Initium Millenniumi*.

“...para que me dê culto no deserto”:
signatura de um novo pacto sagrado.

⁸ Jaa Torrano fala do “poder ontofânico” da palavra, para referir-se ao canto das Musas, de onde surge a vida dos deuses, do homem e do mundo (*Teogonia*, São Paulo, Roswitha Kempf Editores, 1985).

Transcrição do Corpo Orgânico da Humanidade Para Terras Mais Altas

É a ascensão da Humanidade em Corpo. Não se trata somente de conceber um novo ideal sobre a Terra (cosmovisões sociais, políticas, religiosas), mas de dar Corpo espiritual ao Fogo cósmico que entra:

Transfiguração social do Verbo.

Esta ideia de “Corpo”, que as concepções espirituais, as filosofias políticas e as revoluções sociais tentaram plasmar no curso da História, sob diferentes modelos teóricos e variadas roupagens poético-simbólicas, é uma força ideal da alma que irrompe hoje como necessidade *vital* dos homens e das mulheres que saíram do Egito e vêm para fazer “pacto” de Aliança com o Verbo. Trata-se de uma Obra de dimensão *cosmogônica*: porque não se reduz à criação de um corpo sociopolítico, e sim à “gestação” (orgânica) do *Germe* espiritual-social da Humanidade vindoura. Existe algum agente catalítico que opere como “inter-meio” nesta transfiguração cosmogônico-social da Vida?

Em genética molecular falamos de “moléculas mensageiras” (ARN mensageiro, ARN de transferência) que transcrevem e traduzem a informação codificada na molécula mãe (ADN) em funções e estruturas orgânicas. Em *Gen-ética Social*, começamos a reconhecer “mensageiros humanos” que operam como *moléculas-ponte* (ultraquímicas) constitutivas da Ordem Sagrada do mundo.

Ordem Sagrada:
algo tão sutil como o esvoaçar da borboleta divina
sobre as águas da vida.

Algo que perdemos em aras da construção técnica da Terra.

A tradição espiritual preservou, sob a forma simbólica da linguagem, a ideia de “corpo místico”. A filosofia política nos fala de “corpo social”. Trata-se de dois corpos ou só de uma fratura criada pela mente, para privilegiar uma determinada imagem do mundo?

A era que se inicia (*Initium Millennii*)
traz-nos, como sinal A-nunciador
a palavra-vínculo entre o sagrado e o histórico.

Acima (supradimensão) das nações e das instituições da Terra, começamos a vislumbrar um Corpo mais fundamental, mais originário (antes e depois da queda) que, por ritmo de similitude, sustém a “Aliança” entre a mística nascente de uma Humanidade que já cruzou a barreira cósmica e as correntes sociais dos povos mais avançados da Terra.

Esse Corpo, essa Aliança, esse Ritmo,
essa Con-figuração de valores materiais e espirituais,
resplandece (e se oculta) em função de uma
liturgia cósmica.

É o Código Secreto da Língua Mãe, a Matriz invisível das funções, dos ofícios e das ferramentas visíveis (na ordem social), o Som in-audível que sustenta a arquitetura orgânica da vida (no homem, na natureza, no Universo).

Essa *liturgia cósmica*, esse Verbo em ação, é o Acontecimento originário da era que se inicia: *Initium Millennii*. Cantado por dentro, é a mística da Humanidade nascente. Visto por fora, é a nota-chave da ciência, da técnica, da organização social do mundo vindouro. Começamos a reconhecer algumas destas *Initium-formæ* como protoformas do novo, roupagens poético-simbólicas que nos aparecem como tentativas de “encarnação da poesia na História” (Octavio Paz). Muitas destas funções nascentes estão destinadas ao fracasso, mas levam o germe espiritual daquilo que amanhã serão órgãos.

Onde ficaram as experiências sociais de um Tolstoi, um Gandhi, um Che Guevara, uma Eva Perón, um Schumacher, um Rodolfo Kusch? Não estão: transfiguraram-se em fermento. São o Código gen-ético das revoluções perdidas.

Por que, ao apontar para o restabelecimento do núcleo simbólico de advento da nova cultura (*Initium Millennii*), ponho o acento em uma *liturgia cósmica* e não simplesmente em um novo “pacto social” ou no sentimento comunitário de “fraternidade universal”? Porque o acordo *inter fratres* já deu tudo o que podia dar. “Caim, o que fizeste de teu irmão?”. A chave de humanização não está na “união dos irmãos” e sim – como diz o salmo – na “união dos irmãos no Uno”. Assistimos hoje ao fracasso de humanismos, comunismos, espiritualismos, socialismos...

E, coisa curiosa, quando ao ascender ao monte começam a apagar-se as vozes da cidade violenta, começamos a ouvir o coro de vozes de um universo desconhecido.

Liturgia cósmica...

Todas as vozes: do céu, da terra, dos mundos subterrâneos
entoam um mesmo Canto.

Canto que funda um novo território espiritual, espaço sagrado onde o homem já não é simplesmente espectador de um *sacrificium laudis*, mas prot-agonista do ato sacrificial de Transfiguração do Verbo.

Hoje, como ontem, como sempre... o novo Éon (*Initium Millennii*) se A-nuncia à consciência coletiva como “sacrifício dos inocentes” (“E então, Herodes se irritou sobremaneira e mandou matar todas as crianças que havia em Belém...”, Mt. 2:16). Esta ação sacrificial (incluindo o sacrifício da própria Terra) é a contrafigura do nascimento místico que põe “fim” ao império do antigo signo. Hoje, o “canto litúrgico”, transferido da celebração do culto religioso ao drama cotidiano da vida social, volta a estabelecer o vínculo simbólico (perdido durante séculos de racionalismo intelectual) entre o mistério divino (*Mysterium*) e a nova história do homem.

Até a guerra de 14, ainda acreditávamos
que podíamos ordenar o mundo com meios racionais.

Até 68, acreditávamos que podíamos
transformar o mundo com a poesia do amor.

E vieram a ciência, a técnica,
a revolução social, a mensagem espiritual...

E nada de tudo isso foi suficiente para que
“a poesia encarnasse na História”.

E ouvimos o Canto do recém nascido...
e veio Herodes...

E veio o Holocausto, o desemprego, o terrorismo de Estado...
e as crianças jogadas ao lixo.

Os homens inteligentes já não podem governar a Terra. Os poetas já não podem restabelecer a “palavra originária, desviada por sacerdotes e filósofos” (Octavio Paz). Os estudantes já não podem recuperar a Alma-Mater das universidades: onde o conhecimento ficou separado da vida. As igrejas já não podem fazer voltar os deuses que fugiram dos templos.

Os pássaros de Hiroshima perderam seus ninhos.
Nós ficamos sem lar.

Mas, em meio ao deserto,
o coro litúrgico repete a mesma mensagem:
“Faz-me um santuário
e habitarei entre eles”.

Epifania do Espírito no seio da matéria: nascimento divino no homem

Fomos “tocados” por uma estrela celeste.

Initium Millennii encerra um mistério que ultrapassa os marcos de interpretação do mundo.

E esse “mistério” é o *nascimento* do “divino-no-homem”.

A experiência imediata do “divino no homem”
é, ao Mesmo tempo, gloriosa e terrorífica.

Não temos marco teórico para explicar esta epifania do Espírito no seio da matéria. Por isso, falo de “mistério” e não de visão de mundo, novo paradigma, ontologia fundamental, teoria da ciência, teologia da fé.

Até 1945, antes da explosão atômica, ainda estávamos “protegidos” da radiação numinosa do Universo, através dos dogmas da fé, do cerimonial litúrgico da Igreja e da confiança do homem em sua vontade de poder para governar o mundo. Mas, eis aqui que, quando mais seguros estávamos da expansão indefinida do Universo e da continuidade sem fim da História, subitamente

a Galáxia Humana entra em In-plosão.

Catástrofe de sentido: cai a barreira imunológica, desaba a imagem do mundo, ficamos “expostos” à radiação invisível de poderes desconhecidos (do bem e do mal). A vida (por dentro) já não é a mesma: um fogo cósmico arde no coração do homem. E isto não é uma metáfora literária, mas o *início* de uma transfiguração ultraquímica: “energia de enlace” que começa a mover a maquinaria gen-ética do mundo vindouro. Sim: “primeira cintilação do ser”, diriam alguns. Não, digo eu: muito metafísico! “Nascimento espiritual”, diriam outros. Não, digo eu: se por nascimento se entender iluminismo. Sim, se por “nascimento” se entender *nascimento* do divino no homem: nova estruturação feita carne, de valores divinos e humanos.

Um novo ritmo *divino-humano*
con-figura as funções de ressonância
do homem vindouro.

A partir daqui, a fisiologia é outra, o metabolismo é outro, a *signatura* (identidade do ser) é outra.

A vanguarda é outra!

O nascimento pro-fético se antecipa ao tempo histórico e inicia um novo tempo: não só outra ideia, também outro corpo (corpo de fogo?).

A Vanguarda Pro-fética Avança/Retirando-se

Para além da corrida do espaço e da revolução social (e aquém da “segunda vinda”), começamos a reconhecer o código operativo de uma vanguarda gen-ética: enzimática, catalítica. E digo que avança/retirando-se, porque opera por *Reversibilidade de Valores*.

Vã foi a conspiração planetária dos Herodes modernos para aniquilar o novo fermento que vinha para transformar a massa: muitos foram os torturados e desaparecidos, mas o Primo-gene, o recém nascido – filho do fogo – faz ouvir sua voz além das fronteiras da morte. Esse “sacrifício” não é um acontecimento histórico que haja ocorrido uma vez e que, a partir de então, aniquilado esse fermento subversivo, possamos – por fim – pôr-nos à tarefa de construir uma nova ordem do mundo (*New World Order Model*) que possa responder às necessidades de desenvolvimento do antigo homem terrestre.

Não. Esse “sacrifício” é constitutivo dessa Ordem Sagrada do mundo, que deverá ser morada do homem cósmico vindouro: sacrifício que não será visto somente como fato histórico, isolado, acidental, mas como acontecimento arquetípico, fundacional, que se renova como silenciosa liturgia, na própria entranha da vida:

sacrifício cotidiano dos inocentes!

Não são os sábios e os entendidos que vão dar resposta aos problemas globais da fome, da peste, da guerra, da desesperança. A nova mensagem vem como proclama da “vida que se tornou contrária à vida”: e vem em busca de mais vida. Essa “proclama”, revolucionária em essência, não é um programa político, uma doutrina religiosa, um modelo social: é uma Voz espiritual que con-voca a comunidade humana para participar na grande obra de transfiguração social do Verbo.

A vanguarda silenciosa que avança/retirando-se
é a que propõe à comunidade dos vivos
e dos mortos
os temas-semente que deverão dar base humana
à Ordem Sagrada do mundo.

Bastou um olhar profundo, uma palavra justa, um toque delicado para que surgisse, de repente, o resplendor da vida... E para que nos déssemos conta de que corríamos perigo:

perigo de ficarmos transformados em estátuas de pedra
(prisioneiros da “forma”),
cativos de instituições históricas
que perderam a alma,
perigo de sermos escolhidos como vítimas propiciatórias
para manter um sistema de valores
que se tornou contrário à vida.

... e percebemos que, para restabelecer a Ordem Sagrada do mundo, já não era suficiente “ir contra a corrente da água” (Marechal) em busca da cidade perdida, mas sim, aceder a uma experiência inédita, negada pelo *logos* da antiga mente: “tudo foi consumado” (Jo. 19:30). É a experiência do “tempo do fim”.

TEMPO DO FIM

Fecha-se um ciclo histórico, cujo sistema de valores se tornou contrário à vida

Quando esperávamos *Initium Millennii* em termos de “ingresso da luz”, eis aqui que, de repente, tropeçamos com o “poder da sombra”. O mundo não era como o havíamos imaginado: a lei havia mudado. Não é que a “sombra” não houvesse existido sempre, nem que as “cidades infiéis” não houvessem existido antes, mas essa “força” nos aparece hoje com um rosto diferente:

o Mal se tornou visível,
tomou forma,
fez-se substância.

Começamos a ver o Mal como quebrantamento da ordem simbólica do mundo, como degradação da energia, como configuração inversa da vida. Em resumo: como “estado perverso da matéria” (química do Mal?). E isto que começamos a ver e a vislumbrar não é algo que deva chegar (ao modo de anúncio apocalíptico de “fim dos tempos”), mas algo que já chegou: um “tempo do fim”, que hoje vivemos sem compreender. Tudo o que foi profetizado, anunciado sob o véu da metáfora e do símbolo, como onda de destruição que viria para purificar o planeta *antes* da vinda do Senhor, o “Som” dessas trombetas A-nunciadoras, golpeia hoje nossos ouvidos com a força de uma execução, na ordem material da vida. E quando digo “material”, não me refiro somente à danificação da cidade do homem, mas ao colapso da ordem moral do mundo e ao desmoronamento da arquitetura orgânica (molecular) da vida. Mas, qual é o sentido desta “onda de destruição” que hoje rompe a continuidade de nossos sonhos? Já não é possível falar aqui de “sentido do ser”, quando o próprio “ser” naufraga em um misterioso abismo: é o “fim” da Metafísica, o “fim” da Teologia, o “fim” do sentido.

Quando todas as perguntas sobre o “fim” e o “sentido”
ficam sem resposta
uma enigmática figura de poder sai a nosso encontro:

é a sombra do *Destino*.

No final do antigo ciclo que se fecha, carregado de sombras, o único diálogo possível não é com as sombras, mas com o Destino. Porém, não existe esse diálogo com o Destino: só fica a confrontação sacrificial. Fica a confrontação de Jacó com o Anjo. Fica a “guerra arquetípica”. Fica a confrontação sacrificial do Homem com a Sombra do Deus Desconhecido.

É a guerra que estamos vivendo, sem compreender. A tradição espiritual do Oriente nos dá sinais desta guerra no poema épico *Mahabharata*. O Antigo Testamento nos fala da luta de Jacó com o Anjo (Gên. 32:24,32). O Apocalipse, do Armagedon (Ap. 19:11,21). Em termos bíblicos, diríamos que é uma guerra pelo Reino, onde o homem arrisca seu destino como alma e, se vence, muda de nome: “Daqui em diante, já não te chamarás Jacó, mas Israel, pois lutaste com Deus e com homens, e venceste”. Eis aqui um tema

difícil de abordar, e ainda mais difícil de esclarecer: se for possível falar de “esclarecer” aquilo que, por natureza, é *obscuro* (lutar com os homens pode ser, mas... lutar com Deus?).

Por qual valor fundamental, por qual Reino lutamos hoje? Não o sabemos. O que sabemos é que, nesta longa e obscura confrontação de forças da vida e da morte, muitos ficam pelo caminho. O custo da liberação (se pudermos falar em termos de “liberação e dependência”) é muito alto. Não se passa do Egito à Terra Prometida de um só salto: ficam em terra do Egito (sacrificados) os “primogênitos dos egípcios”. Não se passa do mito do mundo antigo ao *logos* do “Éon” cristão de um só salto: ficam os “inocentes”, sacrificados por Herodes.

E na atual passagem do “Éon de Peixes” para o “Éon de Aquário”? Ficam os “desaparecidos e sacrificados” pelos Herodes modernos. Qual é o sentido destes ritos sacrificiais arquetípicos? Nada podemos compreender, mas alguma coisa conseguimos pre-sentir.

Pre-sentimos
que se produziu uma ruptura de simetria
do sistema
e uma bifurcação da grande corrente
da vida.

Uns ficam no Egito. Outros atravessam o Mar Vermelho.

Uns ficam sob as águas do dilúvio. Outros entram na “arca”. Mas, qual é a missão da vanguarda?

O Homem que mudou de nome
toma em suas mãos o ofício sagrado de

Re-construção do Templo.

RE-CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

Initium Millennii: sopro originário.

Abre-se um âmbito completamente novo:

o Céu,
o Homem,
a Terra

voltam a comunicar-se: interpenetração de estados.

Restabelecimento da

Língua Mãe,
Gramática universal que havíamos perdido
em aras de construir a Terra.

Re-construção do Templo:

por inter-médio de uma “molécula mensageira”,
“energia de enlace” entre o Espírito e a matéria.

A onda expansiva dos santuários de altura ressoa nos núcleos atômicos da matéria

É a Voz da montanha sagrada que ilumina a alma do povo que anda em trevas (*"Populus qui ambulabat in tenebris, vidit lucem magnam"*, Isaías 9:2): iluminação mística da Humanidade na noite da História.

Mística nascente de um povo novo

É difícil dar forma teórica a esta iluminação "inicial" que co-incide com o "fim" da História porque, logo que queremos aproximar-nos de uma formulação intuitiva desta *lucem magnam* que abre o caminho para o novo mundo, saem a nosso encontro os símbolos da antiga mente. As chamadas "novas revelações" não puderam superar esta primeira barreira da linguagem: colocaram o vinho novo em odres velhos. Mas, o que é a Montanha sagrada?

Um *Coro Místico*.

A nova mística não é alguma nova doutrina religiosa, novo catecismo, nova filosofia política... tampouco é "outra" mística: é o mesmo Verbo, transfigurado em outras vestes.

Necessitamos redescobrir
o poder numinoso dos novos símbolos de poder.

Para que "a poesia possa encarnar na História" (Octavio Paz) e para que nós mesmos (o novo povo) possamos constituir-nos em "mensageiros humanos" da transfiguração social do Verbo. Como nos aparecem estes "novos símbolos", estes equivalentes modernos das formas confessionais e das figuras rituais da liturgia tradicional? Nem sequer aparecem: nós mesmos ficamos constelados como "símbolos" na corrente de poder liberada pela ciência e pela técnica. A linguagem da vida é outra: somos protagonistas de um drama cósmico em escala humana.

A "zona de passagem" entre a angústia existencial e a mística do coração é um *ponto cego* no caminho do homem, um "estado de vazio cósmico" que não pode ser preenchido por nenhuma filosofia da existência: caem aqui todas as interpretações da História.

Suster-se no vazio, sem cair!
Esta parece ser a chave simbólica da nova mística.

Roçamos aqui, o mistério de Iniciação espiritual da Humanidade, na era de planetização. *Mysterium* que nos aparece com uma face escura e outra luminosa. A queda dos antigos templos (por esvaziamento de sentido) que, até ontem, sustentavam o andaime sociotécnico do mundo do homem, deixaram sem sustento a casa do homem. E as novas religiões (*new religions*), que vieram para cobrir o desamparo cósmico, não estiveram à altura do desafio que impunha o novo signo do tempo: em maior ou menor medida, fizeram pacto com o *Imperium*, e o *aggiornamento* (adiamento) lhes custou a vida. Mas a Vida tem recursos "providenciais" que se põem em movimento em pontos-chave do caminho da História. E houve (há) um novo "pacto do deserto".

Muitas das catástrofes sociais, políticas, econômicas (e ainda telúricas) que acontecem em diferentes países têm sua raiz *gen-ética* no debilitamento dos centros espirituais que, em seu momento, tiveram a missão de custodiar a saúde moral e material dos povos: fissurados os recintos sagrados, as forças deletérias do cosmos contaminaram as águas da antiga terra. Hoje, a re-construção do Templo já não pode ser realizada pelas mesmas forças que o levaram à destruição: já não é possível através de algum novo contrato social, pacto político ou concílio ecumênico. E então?

No ponto crítico de “desamparo” terrestre
entra em ação
o princípio de “solidariedade” cósmica.

Economia espiritual de “amparo”: ressonância por similitude entre os seres humanos que se retiraram para o deserto para dar culto ao Deus vivo e coro-sustento de almas liberadas que já cruzaram o vale tenebroso da morte para dar de beber ao povo.

Ao tocar este ponto central, enquanto coração da “mística nascente de um povo novo”, fico sem palavras para corporizar a ideia: porque o que chamo Templo não é, em essência uma ideia, um recinto, uma forma, mas um sentimento *tangível* de União. Não é um ponto material, mas sim um *contato* do Espírito com a matéria: talvez fosse melhor dizer que Templo é uma *sede*. E ao dizer “mística”, não me refiro à mística enquanto doutrina, mas à mística como *função*: função-Mãe da vida que re-Une no coração do homem as forças do céu e da terra.

O Templo se delineia hoje como *sede*
de um mistério de Transfiguração.

Na *Arkhitetura* simbólica da Montanha sagrada, o Templo é o centro, o círculo primeiro, o domo, a cúpula que se a-senta nas quatro funções-mãe da organização sociotécnica do mundo do homem:

Lei
Conhecimento
Trabalho
Organização.

Desta articulação entre o círculo e a cruz, desta integração de funções espirituais e sociais, desta geometria dinâmica de “rotação de signos” (Octavio Paz), surgem os sinais A-nunciadores da civilização que vem.

.....

Ritmo analógico da Lei

Da lei escrita nas tábuas de pedra, passamos à lei in-scrita nas moléculas da vida. Da ética formal, à moral biológica. Da lei universal, à lei do homem. Mas, qual é a lei do homem? A Lei de Deus? A lei do Cosmos? A lei social e histórica? Ou uma lei específica do ser humano, que ainda não conhecemos? E, quanto à natureza dessa lei, é uma lei cósmica que pertence à ordem matemática do Universo? Ou é uma lei social, edificada pelo homem, que está dentro da ordem da sociedade, da cultura e da história? Em meu livro, *Antropologia de Síntese*, tentei responder, pelo menos em parte, a essas perguntas. Mas o tema continua de pé.

Desembocamos em uma crise da filosofia do Direito quanto à formulação dos princípios jurídicos e éticos que governam o desenvolvimento da vida humana.

Nem a filosofia política, nem a democracia social e, menos ainda, a cibernética dos sistemas informáticos puderam transpor este vazio da Lei, para responder às necessidades fundamentais do homem. Onde foram parar os “direitos do homem”, a liberdade dos povos, a dignidade da vida? Moisés teve que quebrar as “primeiras tábuas” da Lei, escritas pelo dedo de Deus: o povo não estava em condições de recebê-las. E as “segundas tábuas” foram mais de uma vez não ouvidas, desvirtuadas ou negadas. Chegou acaso o momento de que um novo Manu apresente à Humanidade de nosso tempo um Terceiro Testamento? Talvez, estas “terceiras tábuas” já estejam sendo in-scritas como código gen-ético de ressonância em nossas próprias moléculas da vida. Existe algum sinal – desde o próprio mundo técnico em que hoje nos movemos e temos nosso ser – que nos faça pensar (ou pre-sentir) que essa ressonância gen-ética esteja marcando (desde dentro) um novo rumo no caminho do homem? Sim. O sinal procede do ponto crítico de reversibilidade da Lei.

Esta “volta” da Lei sobre si mesma, em similar medida, mas em direção contrária, não é fácil de “ver” para a inteligência racional ilustrada, mas sim, é possível, “sentir” como “catástrofe” súbita dos mais sofisticados sistemas legais criados pelo homem: das normas jurídicas, das leis econômicas, dos sistemas informáticos, até o próprio sistema imunológico (todos eles podem cair em um instante fatal: já seja por uma oscilação brusca dos mercados, um ato terrorista, um vírus informático ou a explosão de uma supernova). Jean Baudrillard é um dos poucos sociólogos críticos que viram um pouco desta “reversibilidade das leis”.

Baudrillard tipifica esta “catástrofe” dos fenômenos no universo sem freio de nosso tempo como “crime perfeito”, onde ninguém descobre a desapareição súbita do mundo real, onde a “astúcia do original se eclipsa por trás de suas múltiplas cópias”. E quando tenta descobrir a lei que governa este jogo fatal de aparições e desapareições, conclui com a seguinte reflexão: “Em todo caso, poder-se-ia deduzir daí, não só um princípio de incerteza, dominável através das equações, mas um princípio de reversibilidade muito mais radical e mais ofensivo (acaso os vírus não nos descobrirem, tanto quanto nós os descobrimos?). A incerteza se infiltrou em todos os terrenos da vida. Trata-se de uma incerteza radical porque está vinculada ao caráter extremo dos fenômenos e não só a sua complexidade. Para além do limite (*ex terminis*), as próprias leis da Física se tornam reversíveis e já não dominamos as leis do jogo, se é que existem. De qualquer forma, já não são as do sujeito e as da verdade”⁹.

Até aqui, a visão de um sociólogo que se adianta a seu tempo. Mas, a partir de agora, a própria visão se retrai sobre si mesma em busca de um fundamento mais originário, de uma Lei mais universal (algo assim como a radiação de fundo na ordem cosmológica, que nos dá notícia – A-núncio – de um protoacontecimento que escapa aos instrumentos de medida do espaço e do tempo).

O novo signo do tempo se A-nuncia hoje como “Som” primordial, nota-chave, ritmo analógico, geometria simbólica da Lei que governa o movimento dos mundos e marca o destino do homem.

A tradição hindu nos fala do *Dharma*, princípio universal de ordem, constituição hierarquicamente ordenada dos seres e das coisas, justiça orgânica que sustenta o equilíbrio fundamental do mundo, função cósmica (“podemos aceitar a palavra ‘lei’ para traduzir *dharma*”, diz René Guenón) que toma diferente forma social em cada ciclo histórico: e que não só imprime seu selo nas coletividades humanas, mas nas próprias moléculas da vida. A sensibilidade do homem moderno pre-sente o ritmo analógico (in-

⁹ Jean Baudrillard, *El Crimen Perfecto*, Barcelona, Anagrama, 1996, pg. 82.

audível) desta Lei que se in-stala subrepticiamente em sua carne e em seu sangue, substituindo paulatinamente (por transfiguração orgânica) o ritmo mecânico da antiga lei.

A tarefa que os legisladores do novo ciclo têm à frente é formular, na ordem da Lei, as “equações de campo unificado” para passar da Mística espiritual à Gen-ética social, isto é, proporcionar às novas gerações, a ferramenta (legal) adequada para iniciar o processo alquímico de liberação – em função de acorde, de correspondência entre as leis humanas e o código simbólico-espiritual da Lei. Esse “acorde”, essa “correspondência”, esse “vínculo” foi perdido na complicada rede de leis, normas, regulamentos, disposições que constituem o tecido de informatização jurídica da sociedade moderna. Ficamos presos em uma rede normativa que, longe de ser instrumento de liberação, volta-se – pelo menos em muitos casos – contra a vida. E o homem se volta contra a lei: uma lei que veio em nome da Lei. Dentro do marco da filosofia do Direito, não há saída para esta contradição interna do chamado espírito das leis. Tampouco através da ruptura do marco: através da vontade política, através da revolução social.

Esta palavra-Verbo do Legislador arquetípico não vem hoje a nós sob uma figura visível (as leis escritas de um Licurgo ou de um Moisés). Mas sim, como Código vibratório in-audível que ressoa nas águas profundas da vida: *resonantia Verbum*. Essa “ressonância” vem para transpor a brecha que a mente racional manteve aberta durante séculos, entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida.

Magistério do Conhecimento

Se a primeira palavra é *Mística*, que nos remete à escuta da *resonantia Verbum* no recinto hermético do Templo interior, a segunda palavra é Conhecimento, que nos conduz ao Magistério do Conhecimento.

Em matéria de Educação, tarde ou cedo, em algum lugar do planeta, teremos que começar tudo de novo. Transferida a massa de informação à memória da rede eletrônica planetária, o “ofício” da nova geração de professores recupera, de súbito, uma função sagrada perdida na era técnica:

trans-missão da energia humanizada do Verbo
para pôr em movimento a máquina gen-ética do
segundo nascimento.

Essa energia fundamental, esse lume (indispensável para que não se apague o fogo da vida), zelosamente custodiado pelo Magistério espiritual da Humanidade, ainda nas épocas mais obscuras da História. Essa *palavra-semente* é transferida (por ressonância de similitude) do Templo à Escola: matriz vibratória do

segundo nascimento da criança na Alma-Mater da escola.

Não se trata aqui de uma nova filosofia da Educação, planos de estudo, conteúdos pedagógicos, informática educativa: trata-se de contato inicial da inteligência com a grande obra de transfiguração da vida.

E surge uma pergunta: hoje, em plena era técnica, ao fim de um segundo milênio de civilização racional, com que “matéria” a criança vem à escola em busca de uma “segunda iniciação” à vida? Vem carregada com o universo de símbolos do antigo Éon, com os artigos de fé da antiga lei, com a matéria orgânica do antigo corpo.

O atual sistema educacional,
que fez pacto secreto de aliança

com o poder político e econômico que sustenta a
imagem do mundo,
é incapaz de *iniciar* o processo interior de
transfiguração da vida.

Mais informação? As próprias redes cerebrais estão saturadas!

Initium Millennii

é, ao mesmo tempo, sinal A-nunciador
do final da era de fragmentação do
conhecimento.

Magistério de Síntese

Todo o sistema educacional que conhecemos é uma “galáxia de particularidades”: foi perdido o *vínculo* das partes com o todo. Temos mais informação, mas menos visão.

No horizonte da cultura planetária
que advém,
já desponta o resplendor
de um novo *Magistério de Síntese*.

A seiva que nutre esse Magistério já não circula somente pelos ramos da árvore do conhecimento, senão que brota das raízes da Árvore da Vida. A teoria da Ciência não basta para recuperar a unidade perdida, tampouco a hermenêutica metafísica. Trata-se de transmitir *traços humanos essenciais* para que o homem não seja só máquina (nem “só carne”).

Ainda não conhecemos bem a “função” deste Magistério de Síntese, porque a própria palavra *síntese* perdeu, na linguagem corrente, sua raiz ontológica originária: nós a reduzimos a conceito. Como conceito, é um momento da dialética e pressupõe a composição de um todo através da soma das partes. Mas, como símbolo, toda síntese é uma operação que se efetua de uma só vez: acede ao todo de maneira imediata, sem passar pela soma ou composição das partes. Pedagogia de “síntese” viria a ser, então, a trans-missão desse elemento primordial que, na origem (*in principio*) é “vínculo” entre o conhecimento e a vida. E que, em função do desenvolvimento do pensamento, termina por ser perdida ou esquecida: palavra perdida.

Os professores-mensageiros do Verbo retomam esta palavra originária, dão-lhe vida (a própria) e transformam a palavra-Verbo em *energia-ensinante*, poder de plasmação.

Poder de plasmação?

Antes de tentar responder a esta pergunta, retrocedamos alguns passos em busca desse “elo perdido” que faz a unidade do Conhecimento e que nos escapa uma e outra vez das mãos. Qual é a pergunta fundamental que bate à porta da Escola neste *Initium Millennii*? Talvez a própria geometria intrínseca da Escola, enquanto arquitetura do saber, exponha a forma simbólica da pergunta-raiz.

No afresco *A Escola de Atenas*, de Rafael, Platão aponta para cima (para o universo de ideias eternas) e Aristóteles aponta para baixo (para o mundo transitório da matéria). Por mais de dois mil anos, a Filosofia não pôde encontrar a peça chave de articulação entre estes dois domínios da realidade: não pôde elaborar uma metafísica geral, aceder a uma função originária, a partir da qual pudessem ser desmembradas as ciências da natureza e as da cultura. Por analogia com essa “Escola de Atenas” (talvez no início do século XX, os mesmos protótipos com diferentes rostos), Einstein dirige seu olhar

contemplativo para as leis mais gerais do Universo e Max Planck, investigando a matéria radiante, descobre a quantificação da energia. Hoje, no final do século, os físicos teóricos, em função de novos modelos matemáticos (“teoria de cordas”) tentam – sem conseguir – transpor a distância entre a teoria da relatividade e a teoria quântica. Em poucas palavras:

Hoje, como há dois mil e quinhentos anos,
o intelecto humano não pôde cruzar
a ponte invisível
entre o Espírito e a matéria.

O poeta argentino-uruguaio Alberto Zum Felde, em seu *Alción*, diz isso com palavras mais belas:

Oh, escura fatalidade a minha...! Oh! zombaria infeliz do destino... por que nos
é dado contemplar com os olhos mortais aquilo que não podem alcançar nossas
mãos de argila?

O que não podem a metafísica, a ciência, a poesia... podê-lo-á a técnica? “A técnica moderna é um poder cuja essência o homem não domina”, diz Heidegger. No entanto, essa técnica, como legado do ciclo que se fecha, é portadora de uma mensagem cujo sentido ainda não podemos compreender. Para alguns, o poder da técnica se tornou demoníaco, avassalante, dominador. Para outros, sedutor: “O homem moderno recebeu a mensagem da técnica como ‘mensagem de salvação’” (crítica de Thomas Berry).

Ainda não descobrimos
a “função operativa” da técnica
enquanto símbolo de interiorização do poder.

Dito em outras palavras: tomamos o poder da técnica como arma absoluta de dominação do mundo, em lugar de utilizar os símbolos da técnica como ferramentas de transfiguração do homem. O que ensina esta “reversão interiorizante” da força é a tarefa pedagógica fundamental da Escola, no umbral de *Initium Millenniumi*: elevar o meio tecnológico à hierarquia de função *theurgica*.

Assistimos ao fechamento de um ciclo histórico marcado pelo esgotamento das reservas naturais de energia de evolução: a sociedade de consumo acaba por alimentar-se de lixo. No *Início* do novo milênio, liberada a energia atômica, a tarefa pedagógica que temos diante de nós é liberar a energia humana aprisionada no coração de pedra. A mística do deserto deu os primeiros passos para desarraigar do coração do homem o credo de posse. E a revolução social dos povos mais avançados da Terra fez avanços significativos em direção à comunidade de bens sociais. Mas o “credo de posse” da antiga Raça tem um poder de enraizamento genético que supera as propostas teóricas do idealismo espiritual e do materialismo histórico.

A revolução que vem não é ideológica, mas gen-ética: é um poder de contradição que se instala subrepticiamente nas próprias moléculas da vida (a *síndrome de imunodeficiência* é apenas um dos sinais A-nunciadores: “Guerra por dentro” que nos arrebatou a vida que acreditávamos possuir). O novo meio-educativo com ajuda dos símbolos da técnica: ruptura de simetria, pontos críticos de bifurcação longe do equilíbrio termodinâmico, novas estruturas dissipativas... esse meio tecnológico-*theurgico* nos traz “de volta”, da revolução social do povo à revolução espiritual do Evangelho: “aquele que quiser possuir sua vida esse a perderá...”.

E uma última pergunta, para fechar estas reflexões acerca do novo Magistério Educativo: qual é a ferramenta prática para alcançar com “nossas mãos de argila aquilo que nos é dado contemplar com nossos olhos mortais”? E a resposta não tarda em aflorar: o *Trabalho*!

Passamos ao “terceiro círculo”.

Trabalho: função-Mãe da Obra.

No tempo por-vir, os sindicatos operários (caso nesse momento haja sindicatos) já não lutarão pelo salário e sim, pela Obra. Mas, o que é a Obra?

No cenário cosmogônico de

Transfiguração social do Verbo,

o Trabalho do homem se revela

como função constitutiva
da *Arkhitetura* da Obra.

Não estamos falando aqui de qualquer atividade trabalhista, de salário, emprego ou desemprego, de trabalho intelectual ou trabalho manual, do operário não especializado ou do trabalhador capacitado e sumamente especializado, exigido pelas grandes empresas na nova era do conhecimento. Nem sequer fazemos uma distinção essencial entre o trabalho do homem e o trabalho da natureza. Porque “o homem é a natureza” (Eliseo Reclús): e, algo mais que a natureza. Falamos simplesmente de Trabalho (com maiúscula) que, nesta época de perda de trabalho, de desemprego estrutural, de mutilação de funções humanas, já não sabemos o que *é*.

Trabalho: *função-vínculo*
de integridade da Obra.

Ao dizer *integridade* da Obra, quero significar que a Obra não é algo separado do homem, senão que o próprio homem *é* a Obra: uma obra de arte. Trabalho não é uma atividade mais, na ordem prática da vida: é a função-Mãe da vida. Não só “conhecemos” (e interpretamos) o trabalho como constitutivo ontológico do ser humano (portador de sentido), senão que o “vivemos” como constitutivo fisiológico, orgânico, função originária (matricial) das demais funções da vida. Os atuais sistemas sociais, baseados na concentração tecnopolítica do poder econômico, que edificam a cidade opulenta e a riqueza das nações sobre a miséria, a doença e a marginalidade social de milhões de seres humanos, são sistemas “perversos” (para não dizer “demoníacos”): levaram ao extremo a vontade de domínio do homem, contra a essência do homem. Não se pode substituir o Trabalho, função-Mãe da vida, por um seguro desemprego.

Não é a teoria econômica a que está chamada a formular leis de organização do trabalho. Senão que é o próprio Trabalho – enquanto lei de fundamento da organização do homem – aquele que pronuncia a economia humana da vida. Não faltaram ensaios sociais para construir uma economia humana baseada no mandato bíblico: as primeiras comunidades cristãs; Proudhon e as cooperativas operárias na França; Gandhi e seu trabalho manual na Índia... Cada um desses ensaios deu seus frutos, mas não puderam impor-se como modelos para o mundo. Hoje, no final do Éon cristão, fica vigente no planeta um único modelo econômico: a economia de mercado global, com abundância para poucos e desamparo para muitos.

E surge uma pergunta: é possível voltar ao jubileu bíblico, à pobreza evangélica, ao socialismo utópico, aos ritos agrários da sociedade pré-industrial? Não, não é possível.

E então? É possível continuar com o modelo neoliberal de mercado, baseado no poder tecnológico, na concentração do poder econômico e na vontade de consumo de uma sociedade globalizada “que faz massa” (Baudrillard)? Sim, é possível. A um custo social muito alto: porque para manter viva a caldeira do sistema, cada vez teremos que arrojar mais vítimas ao fogo.

No horizonte transcendental de *Initium Millennii*,
o primeiro sinal A-nunciador na ordem econômica
nos fala de Economia Providencial.

Economia Providencial não é um novo modelo econômico: é uma “função sagrada” da vida. Mas, existem essas “funções sagradas”? Havíamos esquecido isso! Economia Providencial é algo mais que uma ciência. É, antes de qualquer outra coisa, uma mística: sentir que existem bens que não me pertencem totalmente. Compreender que existem bens sociais e culturais que utilizo diariamente, mas que não criei. Que são o fruto do trabalho, do sacrifício, da renúncia de milhões de seres humanos que não conheci nem conhecerei jamais: um viver-acorde com as forças criadoras do Universo, da História, da vida.

Viver-acorde é harmonia, ritmo, correspondência...
entre o esforço do homem e a ajuda do céu.

Não se trata de formular uma teoria social ou doutrina espiritual que sirva de fundamento epistemológico a esta economia “da gravidade e da graça”, como diria Simone Weil: as almas nobres – a vanguarda social da era que se inicia – vivem esta economia providencial antes mesmo de compreendê-la. O antigo ciclo se fecha com uma sobrecarga de bens não reais, necessidades supérfluas, entropia social em aumento que paralisa o fluxo renovado da seiva da vida.

Initium Millennii quebra a linha reta
de acumulação possessiva de bens materiais e espirituais.

E abre o caminho

à economia de liberação de riqueza humana.

É hora de uma breve síntese:

Primeiro círculo: Mística
Segundo círculo: Conhecimento
Terceiro círculo: Trabalho

Para passar ao quarto círculo:

Organização: Transfiguração social do Verbo.

Ao chegar a este ponto, a própria palavra “organização”, reduzida na linguagem do mundo técnico a funcionalismo orgânico, orientado para os fins práticos do sistema, sofre uma torção semântica: volta a seu sentido originário de estrutura apta ao desenvolvimento orgânico da vida. Neste último (e primeiro) dos sentidos “nem tudo o

que funciona é verdadeiro”: nem tudo o que aparenta ser bom para a sociedade tecnicamente organizada é bom para o homem.

O salto qualitativo que chegamos a vislumbrar no horizonte gen-ético da organização social é de tal hierarquia orgânica, que todos os modelos, procedentes da filosofia política e da tradição histórica, ficam na contramão do tempo. Alguns sinais nos vêm dos textos sagrados, mas ficamos sem linguagem quando tentamos traduzir para a geometria simbólica, o que intuímos como

Transfiguração social do Verbo.

No entanto, apesar desta carência prefigurativa, pre-sentimos que nos aproximamos de um ponto crucial no plano da organização social do mundo vindouro: a passagem do ofício técnico para o *ofício sagrado*.

A Transfiguração social do Verbo se adianta às revoluções sociais por-vir.

O grande ciclo histórico que se fecha nos devolve sua experiência social com uma palavra dominante: “grandes organizações de massa”. Suas premissas básicas de organização: eficiência técnica e concepção materialista e utilitária da vida. Não se trata somente de um modo de organização racional do mundo, mas de um código informático secreto de manipulação do homem: as grandes corporações fixam as regras do jogo da investigação científica, das leis trabalhistas, da produção e do consumo, das normas jurídicas, da política das nações. Hoje, neste nível de organização (que mais que organização é um “estado” da matéria social), tão assalariado, empregado ou desempregado é um operário, quanto um médico, um professor, um juiz, um militar, um governante. Em poucas palavras, o antigo ciclo se fecha com o debilitamento da democracia social e o predomínio das organizações técnicas: com exclusão de grandes massas humanas do círculo da vida. Este sistema de valores chegou a seu “fim”: morreu por dentro, ainda que (em nível “macro”) a doutrina política e a teoria econômica continuem falando de desenvolvimento sustentável. Muitas das chamadas funções humanas deixaram de ser “humanas”. Já não sabemos muito bem o que é o trabalho: só falamos de salário, emprego, desemprego. Já não sabemos o que é a vida: só falamos de direito ao aborto, direito à informação, direito de alimentar-nos de lixo. Já nem sequer sabemos o que é a morte: a ciência só nos fala de morte técnica (muita gente já não morre: dão-na por morta). Qual é o resultado – já não nas estatísticas, mas na vida – deste modo materialista e utilitário de organização social?

A energia humana,
ao não encontrar saída para cima,
reflui para baixo,
ativando os centros potenciais da doença,
da loucura,
da morte.

À globalização dos mercados por fora, corresponde uma globalização da patologia social por dentro. Entramos em uma fase de “enfermidade de adaptação”: onde a vida se volta contra a vida e as pessoas não estão de todo sãs nem de todo doentes. Contudo, em algumas zonas críticas da carta humanográfica, conseguimos divisar as primeiras cintilações de

Transfiguração social do Verbo.

Algo novo está nascendo. Pre-sentimos uma “gesta”: magma social em gestação. De forma geral, só vemos a face escura desse nascimento, a fase de desintegração dos

antigos corpos. No entanto, em instantes privilegiados de silêncio interior, começamos a ouvir o ritmo, a pulsação, o palpitar de

funções sociais de ressonância cósmica.

Trata-se do restabelecimento da Ordem Sagrada da vida, na entranha da matéria humana em fase de planetização.

A TERRA SE ADIANTOU AOS MODELOS TEÓRICOS DO HOMEM PARA CONSTRUIR A TERRA

e se adiantou, mudando a face da morada terrestre da vida

Os biólogos também se haviam adiantado: “Foi rompido o antigo pacto com a natureza” (Monod).

Teilhard de Chardin ainda era otimista: “A era das nações passou, é hora de construir a Terra” (proclama de fé na racionalidade do homem). Mas o grande jesuíta não havia calculado que o dano ao meio ambiente era demasiadamente grande e que, chegada a hora de “construir”, não haveria Terra para ser construída. Hoje, dão-se suficientes sinais de catástrofe ecológica, de forma a que os cientistas, nos chamados “Cumes da Terra”, se mostrem muito preocupados pelas futuras condições de habitabilidade do planeta. Que governo pode governar o clima? Que grupo de peritos pode impedir o avanço das águas ou o desvio do eixo magnético da Terra? Não seria a primeira nem a última vez que nossa Mãe Terra mudaria de face e de veste.

Como já o dissemos, pre-sentimos que, apesar de possíveis “catástrofes”, possa dar-se um estado originário onde o céu, o homem e a terra voltem a comunicar-se, como na primeira vez. Mas, onde? Não é suficiente postular um ‘aí’ metafísico como fundamento de sentido. Necessitamos de um ponto físico sobre a Terra onde se *assente* a “arca da Aliança”.

Não falemos ainda da “cidade espacial”, que já está sendo construída através da montagem de módulos técnicos, nem sequer da “cidade *etérica*” (supradimensional) que também está sendo construída através da transfiguração de módulos sociais. Falemos de *Terra Incógnita*: “Vi um novo céu e uma nova terra” (Ap. 21:1).

Hoje, como ontem, como sempre,
a Ideia-germe da nova Humanidade
necessita de uma terra-sagrada
onde realizar seu sonho.

Mas, na transição de fase para o novo mundo, a sombra da antiga Terra oculta a luz do novo Sol

Antes de poder habitar a nova “terra-sagrada”, teremos que romper o poder dos antigos demônios. É a guerra do “fim” do ciclo cosmogônico que nos cabe viver. É o destino das antigas Raças que, antes de morrer, sintetizam as forças do inconsciente coletivo em personagens sinistros (o *I Ching* fala de “Obscurecimento da Luz” (Ming I): “Aqui, o sol se afundou sob a terra... o posto de autoridade do homem sábio aparece ocupado por um homem tenebroso”). Qual é a função da vanguarda em “tempo de trevas”, quando “o destino é hostil”, quando o meio social e cósmico se torna adverso à vida do Espírito?

No tempo de Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e lhe disse: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito. E fica ali, até que eu te avise porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo” (Mt. 2:13). Mas, quem é Herodes? É a sombra do antigo Éon!

Voltando à pergunta pela função da vanguarda em tempo de trevas, diríamos que, nesse tempo crítico de obscurecimento da luz

a vanguarda avança/retirando-se.

Não só para custodiar valores espirituais que correm perigo de extinção, mas – antes de mais nada – para constituir-se em “germe” de vida renovada que há de ser transplantada na nova terra, escolhida pelos deuses. O essencial que é preciso salvar não são valores, princípios, doutrinas: é preciso salvar “a criança” (que é o lume, o fermento que levanta a massa) e sua “mãe” (que é a matriz-mãe, a terra-fecunda que, abençoada pelo orvalho do Céu, pode iluminar a nova geração de crianças por nascer).

Qual é a constituição orgânica desta vanguarda que, em nosso tempo pro-fético, “avança/retirando-se”? Não estou falando aqui de vanguarda política, científica, filosófica, artística, religiosa... porque essas vanguardas se debilitaram, adormeceram, tornaram-se incapazes de fazer frente ao opressor: perderam a força de *fundar*. Nem sequer falo dos movimentos “opositores”, “alternativos”, “fundamentalistas” que hoje emergem do seio das próprias organizações sociais, políticas, espirituais. Porque essas “vanguardas” não possuem a força fundadora que possa romper o sistema, já que “pertencem ao sistema”:

A vanguarda que prepara a era vindoura
é *inédita*, de outra natureza:
uma vanguarda Gen-ética.

Quem são os que a constituem, como a constituem? Não é fácil caracterizá-la em seus quadros, em sua geometria, em sua organização. E digo que é “de outra natureza” porque me aparece como operador simbólico em uma guerra arquetípica entre dois ciclos cosmogônicos, como vínculo de ressonância entre dois reinos. Essa vanguarda Gen-ética não pertence a nenhum poder político, econômico, acadêmico, militar, a nenhuma igreja em particular, a nenhum senhor da terra. Pertence ao Gene de transfiguração do homem, às funções de oferenda, de sacrifício, de renúncia, ao mistério de encarnação do Verbo na História. Mas, e o povo?

Existe uma aliança secreta
entre a “vanguarda” e o “povo”.

A vanguarda Gen-ética faz brotar de si mesma, de sua própria matéria, a água benfeitora para saciar a sede do povo:

Vai adiante do povo...
leva em tua mão o cajado...
fere a rocha e dela sairá água
para que o povo beba. (Êx. 17:5,6)